ENSINO REMOTO DE PROJETO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: Reflexões sobre o que perdemos nos cursos de Arquitetura e Urbanismo

ENSEÑANZA REMOTA DE PROYECTO EN TIEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: REFLEXIONES SOBRE PÉRDIDAS PARA LOS CURSOS DE ARQUITECTURA Y URBANISMO.

REMOTE DESIGN TEACHING IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC: THOUGHTS ON LOSSES FOR ARCHITECTURE AND URBANISM COURSES

ALBERTON, JOSICLER ORBEM

Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre pela UFSC e Doutora pela UFSM, E-mail: josicler.alberton@ufsm.br

MANSKE, CLARISSA SQUIZANI

Professora Substituta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre pela UFRGS, E-mail: clarissasquizani@gmail.com

CAMELO, FEDERICA DE LA BARRERA

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: federica.camelo@acad.ufsm.br

CEZAR, LUIZ MIGUEL CESCON

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: miguel.cescon@acad.ufsm.br

RESUMO

No ano de 2020, o ensino no meio acadêmico universitário modificou-se diante do contexto imposto pela Pandemia de Covid-19. A transição dos espaços educacionais para o ambiente doméstico alterou não apenas o local de trabalho, mas influenciou, também, os processos formativos. O enfoque deste trabalho ocorre nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, visando, principalmente, as disciplinas de ateliê de projeto, onde o contato entre professor – estudante e estudante – estudante, mostra-se como elemento inerente ao processo de aprendizagem. O objetivo é suscitar reflexões acerca do ensino de projeto no ambiente virtual imposto pela Pandemia de Covid-19, valorizando as vivências de professores e alunos. A metodologia inclui a formulação e interpretação de narrativas, assim como o diálogo teórico com autores que abordam conceitos relacionados aos processos formativos. Identificou-se duas categorias que direcionaram as discussões: a primeira está relacionada à comunicação no ensino de projeto e, a segunda, às vivências nos ambientes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Os resultados ressaltam que há um processo criativo específico que ocorre nos ateliês de projeto quando o docente orienta presencialmente o estudante e que a ausência dos alunos dentro dos cursos, nos anos de 2020 e 2021, provocou uma lacuna nos processos de formação. Assim, foi possível identificar o que é específico do ensino presencial e o que não é possível de ser realizado no ensino à distância.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura e Urbanismo; Ensino de Projeto; Pandemia de Covid-19; Ensino Remoto; Formação.

RESUMEN

En el año de 2020 la enseñanza en el medio académico universitário fue modificada delante de un nuevo contexto impuesto por la pandemia de Covid-19. La transición del espacio educacional para el ambiente doméstico alteró no sólo el local de trabajo pero influenció, también, los procesos formativos. El enfoque de este trabajo se da en los cursos de Arquitectura y Urbanismo, principalmente, las materias de enseñanza de proyecto, donde el contacto entre el profesor - estudiante(s) y estudiante(s) - estudiante, es una práctica inherente al proceso de aprendizaje. El objetivo es concebir reflexiones sobre la enseñanza de proyecto en el ambiente virtual impuesto por la Pandemia de Covid-19, resaltando vivencias de profesores y estudiantes. La metodología incluye la formulación e interpretación de narrativas y diálogo teórico con autores que abordan conceptos relacionados a procesos formativos. Dos categorías identificadas direccionaron las discusiones: la primera está relacionada con la comunicación en la enseñanza de proyecto, la segunda, con las vivencias del ambiente físico de los cursos de Arquitectura y Urbanismo. Los resultados resaltan haber un proceso creativo específico que ocurre en los talleres de proyecto cuando el docente orienta presencialmente al estudiante y que, la ausencia de los alumnos dentro de los cursos, en los años de 2020 y 2021, provocó una brecha en los procesos formativos. De esa forma, fue posible identificar que es específico de la enseñanza presencial que no es posible en la enseñanza a distancia.

PALABRAS CLAVES: Arquitectura y Urbanismo; Enseñanza de Proyecto; Pandemia de Covid-19; Enseñanza Remota; Formación.

ABSTRACT

In 2020, teaching and learning dynamics changed in the face of the imposed context of the Covid-19 pandemic.Transitioning from the educational space of institutions to the domestic environment altered not only work space, but also influenced the quality of the educational processes. Architecture and Urban planning courses are the main focus of this work, primarily, on the subjects of design teaching, where contact between professor - student with student - student, is intrinsic to the design classrooms. The aim is to conceive thoughts on design teaching in a virtual environment imposed by the Pandemic, highlighting students and professor experiences. Therefore, the formulation and interpretation of textual narratives is part of the methodology, as well as theoretical dialogue with authors who address concepts related to educational processes. Two categories were identified and shaped the discussions: the first one is related to the communication processes in design teaching, while the second to the physical environment experiences in Architecture and Urban Planning courses. The results punctuate specific creative processes that take place in design classrooms when the professor leads the student in person and that the physical absence of the students within the design classrooms, in 2020 and 2021, caused a gap in the formative processes. Thus, it was possible to identify singularities of face-to-face teaching and what is not possible in distance learning.

KEYWORDS: Architecture and Urban planning; Design Teaching; Covid-19 Pandemic; Remote teaching; Academic Education.

Recebido em: 18/03/2024
Aceito em: 04/12/2024

1 INTRODUÇÃO

A Pandemia de Covid-19 estendeu-se até maio do ano de 2023, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. No contexto da Educação, os impactos provocados pelo isolamento e pela necessidade de implementação do ensino remoto foram muito profundos e suas reverberações poderão ser sentidas ainda por muitos anos. Embora sejam bastantes e diversas as problematizações que poderiam ser realizadas a partir da adaptação que as instituições tiveram que fazer diante do contexto de crise imposto, este trabalho trata do ambiente dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, nos anos de 2021 e 2022, mais especificamente da vivência do sistema de aulas remotas implantado e sua repercussão nas disciplinas de projeto, sejam elas voltadas para o ensino de arquitetura, de urbanismo ou de paisagismo.

No caso específico desses componentes curriculares, foram muitas as dificuldades encontradas por estudantes e professores com o ensino remoto que desencadeou muitas discussões, suscitando diversos questionamentos dentro dos cursos de graduação, principalmente no que diz respeito às atividades práticas. Contudo, à medida que houve um reconhecimento de que a situação pandêmica se estenderia por algum tempo, a adesão às aulas virtuais aconteceu paulatinamente.

Reconhecendo as adversidades e os aprendizados resultantes da condição imposta, de imersão em um universo digital mediado por telas de computadores e celulares, este trabalho é norteado pela seguinte questão: como o ensino de caráter emergencial de projeto, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, foi vivenciado pelos estudantes e professores em tempos de Covid-19?

Ressaltando as vivências dos acadêmicos, intenta-se lançar luz sobre as práticas daquela “nova sala de aula”, emergencial, cujo território coletivo desfez-se em pequenos territórios individuais, que tentaram unir-se em um ambiente virtual e imagético para suprir a ausência da presença física. O objetivo é contribuir com reflexões que possam tornar-se aportes para as discussões sobre as complexidades que envolvem os processos de formação e de construção de conhecimento e de ciência nos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

Para tanto, as reflexões produzidas ao longo deste artigo sustentam-se não só em autores que contribuíram diretamente com as discussões no âmbito da Arquitetura e Urbanismo, mas em outros cujas elaborações teóricas mobilizaram outras áreas de conhecimento. Dentre os principais conceitos trabalhados, destacam-se: a compreensão do ensino de projeto como poética elaborada por Linares i Soler (2006); os escritos sobre texto e narrativa do filósofo Paul Ricoeur (2010); a definição do que é formação realizada por Gilles Ferry (1997) e a definição de tradição e dimensão histórica trazida por Hans-Georg Gadamer (2015).

Nesse viés transdisciplinar, duas etapas configuraram a metodologia como um todo. A primeira foi chamada de escuta, momento em que os pesquisadores coletaram depoimentos de estudantes e professores sobre suas experiências nas disciplinas voltadas ao ensino de projeto, ministradas no formato on-line (à distância). Na segunda etapa, foi realizada a interpretação das informações textuais produzidas pelos participantes, que foram classificadas como gerais, aquelas que tratavam do contexto geral dos cursos de graduação, e específicas, aquelas características no ambiente dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

Assim, foi possível elencar duas categorias principais de discussões como resultado. A primeira está relacionada aos processos de comunicação que ocorrem nos ateliês (salas de aula) de projeto, principalmente ao diálogo construído entre estudante e professor no momento da orientação[1]. Já a segunda categoria diz respeito às vivências no ambiente físico dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e como tal espaço atua como mediador de processos educativos e, por conseguinte, formativos.

Como conclusão, as reflexões realizadas reforçam que no encontro entre docente e discente em sala de aula há um processo criativo caracterizado pela lógica do instante, uma construção coletiva de ideias e de projeto que é influenciada pelas palavras, pelos gestos do corpo, pelos rabiscos que são feitos na hora da orientação e potencializados pela presença física. O ambiente físico dos cursos de Arquitetura e Urbanismo interfere diretamente no processo de formação dos estudantes e o vir a ser dos corredores, o burburinho nos intervalos, também constitui o que compreendemos como tradição na área. A ausência do aluno dentro dos cursos, intervindo, expressando-se, provocou uma lacuna nos processos de formação, sobretudo nos anos de 2020 e 2021.

É importante ressaltar, também, que as reflexões expostas, ao longo do texto que segue, podem contribuir de modo direto com as discussões realizadas no âmbito das instituições sobre a possibilidade de implementação do ensino à distância porque evidenciam as lacunas criadas quando não há o contato presencial e direto entre acadêmicos nos ambientes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto às discussões metodológicas, dois momentos configuram a elaboração desta escrita. No primeiro, suscitou-se a escuta através de seis relatos de estudantes e professores sobre suas vivências enquanto sujeitos inseridos no novo formato de aula nos cursos de Arquitetura e Urbanismo ao longo dos meses de isolamento derivado da Pandemia de Covid-19.

No segundo momento, por meio da interpretação dos depoimentos transcritos, fomentou-se o debate e a problematização de temáticas por meio de uma perspectiva teórica transdisciplinar. Um exemplo é a interlocução estabelecida com Paul Ricoeur (2010) e Hans-Georg Gadamer (2015), filósofos da Hermenêutica Filosófica e autores substanciais nos estudos sobre narrativas e interpretação.

Sobre a primeira etapa, momento em que dos relatos foi extraído o corpus de investigação, essa caracteriza-se como estudo empírico, voltado ao recolhimento de experiências sensíveis que, segundo Dencker e Da Via (2001), pode ser caracterizado pela busca e observação dos fatos e sua respectiva análise. Pode-se, também, considerar este estudo como uma abordagem fenomenológica que trata das vivências do ser no mundo e, consequentemente, das experiências dos sujeitos. Assim, conforme a fenomenologia, o objetivo não é obter respostas exatas, mas descrever o fenômeno e tecer reflexões sobre percepções e tomadas de consciência dos ocorridos.

A delimitação temporal do corpus de pesquisa dá-se entre os meses de junho e julho de 2021, quando os depoimentos foram coletados, após decorridos cerca de 15 meses desde o início da Pandemia de Covid-19 e, respectivamente, da modalidade de ensino remoto de caráter emergencial. Todos os acadêmicos participantes estavam inseridos no ambiente de ensino emergencial à distância de cursos de Arquitetura e Urbanismo na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Os relatos foram solicitados de maneira informal, de forma pré-direcionada para alguns estudantes e professores, com esclarecimento prévio de que seriam utilizados de forma anônima. Os sujeitos que aceitaram cooperar com a pesquisa tinham como tema balizador sua vivência junto às disciplinas projetuais (ateliês de projeto), sejam elas de arquitetura, de urbanismo ou de paisagismo.

No segundo momento da investigação, para a interpretação dos depoimentos e a problematização dos fatos, foram identificadas categorias (temáticas) a partir da construção de uma nuvem de palavras. A nuvem de palavras é uma representação gráfica que indica a frequência com que as palavras aparecem em um elemento textual. Configuram-se como imagens compostas por palavras onde o tamanho, a forma e as cores de cada palavra indicam sua frequência e/ou importância no texto analisado, dando a entender o que é mais ou menos relevante no contexto (Vilela; Ribeiro; Batista, 2020). Para além de um apelo ilustrativo, é um modo de visualização de pesquisas de caráter qualitativo, capaz de comunicar ideias com mais clareza e revelar padrões para as interpretações a serem realizadas.

As nuvens de palavras podem expressar sentidos conceituais e sensoriais à medida que são construídas para dar significado a algo intangível e inacessível nos discursos, para captar pontos de vista através dos quais cada indivíduo percebe, partilha e define seu lugar no mundo. De acordo com Polanyi (1967), trata-se de uma dimensão do conhecimento tácito onde é possível saber mais do que aquilo que é possível expor verbalmente. Dessa forma, por meio da dimensão simbólica, as nuvens de palavras conseguem superar algumas barreiras de análise da fala.

No presente trabalho, a nuvem de palavras foi elaborada através da seleção digital e automatizada de expressões e temas repetidos nas transcrições dos depoimentos. Artigos, conjunções e preposições foram retirados do material inserido no software gerador do gráfico, bem como as palavras que estavam no plural

colocadas no singular e verbos em diferentes conjugações agrupados em um mesmo tempo verbal, sendo o número máximo de palavras exibidas limitado a 50. O gráfico foi gerado no site *www.wordart.com*, de livre acesso, onde a lista de expressões é inserida e a arte é configurada. Neste caso, as palavras que se mostram em dimensões maiores são as repetidas com maior frequência, caracterizando as temáticas relevantes para a interpretação.

As temáticas suscitadas pela nuvem de palavras foram classificadas como gerais, que dizem respeito ao contexto do ensino remoto de um modo abrangente a todas as Áreas de Conhecimento; e específicas, aquelas relacionadas ao universo dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e ao ensino de projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo. As categorias específicas direcionaram dois grandes núcleos de problematizações, representados neste texto pelos itens 4.1 (Construção Coletiva de Diálogos e Poemas no Ensino de Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo) e 4.2 (Processo Formativo e Presença – O Habitar– nos Cursos de Arquitetura e Urbanismo).

Assim, sobre as problematizações é possível destacar que as mesmas surgiram mediante duas abordagens:

a) com relação ao ensino e orientação de projeto de arquitetura, urbanismo e/ou paisagismo, no que se refere à sala de aula, aos ateliês como lugares de comunicação potentes que viabilizam a construção de diálogos entre estudante(s) e professor(es) e à troca de saberes;

b) no que se refere ao território em que ocorre o ensino e aprendizagem, considerando o ambiente do curso de Arquitetura e Urbanismo, em sua totalidade, como mediador dos processos formativos.

Ainda sobre o escopo metodológico deste trabalho, é importante ressaltar que há dois grupos de sujeitos que colaboraram diretamente com a formulação das ideias e reflexões aqui expostas. O primeiro, já citado, configura-se por estudantes e professores que vivenciaram o ensino da prática de projeto via aulas remotas em cursos de Arquitetura e Urbanismo e o outro, constitui-se dos autores com os quais foi estabelecido o diálogo no ambiente de pesquisa, que direcionaram a escrita deste texto, embasada na abordagem dos temas que emergiram dos relatos.

3 RELATOS SOBRE UMA NOVA SALA DE AULA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

A partir de debates realizados em encontros do grupo e algumas reflexões, perceberam-se convergências entre as experiências relatadas pelos acadêmicos, sejam eles docentes ou discentes, acerca das vivências do ensino à distância de caráter emergencial no contexto da Pandemia de Covid-19.

É importante esclarecer que esse formato de aulas remotas não foi considerado como Ensino à Distância (EAD), posto que o EAD exige uma preparação prévia tanto dos docentes quanto dos discentes, e uma infraestrutura de curso adequada para que ambos possam exercer suas funções: o professor, para gravar ou transmitir suas aulas; o aluno, com equipamento e acesso adequado à internet e materiais a serem disponibilizados para seu aprendizado.

A transcrição completa dos relatos dos docentes e discentes foi incluída no corpo do artigo como imagem para que, caso o leitor deseje, possa adentrar na gama de percepções e sentimentos que emergiram dos textos em sua integralidade. Contudo, tal leitura é opcional, visto que os trechos considerados para o diálogo com os respectivos autores são destacados no decorrer da escrita.

A escuta, aqui transcrita, é considerada um elemento construtor das inquietações e consequentes reflexões posteriormente explicitadas. Dada sua relevância, fez-se necessário trazê-las de modo que sirvam como uma fonte documental do corpus de pesquisa deste texto.

Figura 1: Imagem que reúne os depoimentos recolhidos, 2021.



RELATO 1 - ESTUDANTE

"Há um ano e seis meses observo o declínio. Do ponto de vista do estudante de Arquitetura e Urbanismo em meio ao cenário pandêmico de 2020-2021, percebo em vários âmbitos curvas decrescentes: menos diálogo nas salas de aula virtuais, menos entusiasmo nos grupos de trabalho, menos sinceridade nos assessoramentos, menos espaço para interpretação. Analisando esse período, que se estende de março de 2020 ao atual julho de 2021, fui capaz de dividir minha experiência em três fases. A primeira, logo no início das aulas em Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE), adotado tardiamente se comparado a outras instituições de ensino superior, quando via o ensino remoto como um campo novo, cheio de potencialidades a explorar, assistia todas as aulas de câmera aberta, sempre tentando auxiliar os docentes, algumas vezes confusos com as plataformas digitais. Era claro o contento de alunos e professores em retomar as atividades de um semestre abruptamente interrompido. Os primeiros meses de aulas remotas foram assim, de muito crescimento, experimentação, entusiasmo, tentativa e erro, sempre embalados pela esperança de que tudo voltaria ao normal em uma questão de semanas.

Descrevo minha segunda fase nos estudos a distância como quem descreve a segunda fase dos românticos brasileiros: saudosista, pessimista, escapista e levemente depressivo. As disciplinas inacabadas, apressadas, não ministradas ou, ainda pior, dadas como concluídas quando a apreensão do conteúdo por parte dos alunos foi, a meu ver, no mínimo questionável, somadas à realidade de que a situação se estenderia por meses, se não anos, com certeza causaram um impacto no modo como segui a me portar. Tomar decisões curriculares, escolher entre quais disciplinas de horários conflitantes cursar, analisar qual medida causará o menor impacto nos próximos semestres mesmo sem a menor perspectiva de como chegaremos lá. A primeira curva crescente que identifico é a do estresse. Dentro de mim, de um lado, a vontade de cursar todas as disciplinas disponíveis, todos os projetos de extensão, pesquisa e monitorias que conseguir abraçar. Do outro, a vontade de declarar uma greve pessoal e não me matricular em nenhuma das disciplinas que, cedo ou tarde, me deixarão com a sensação de que assisti passivamente a aulas, produzi um par de slides e fui aprovado fingindo que aprendi. Essa dualidade entristece e confunde. Caracterizo a terceira fase como a da aceitação. Aceito que não estávamos preparados para essa situação; aceito que ensino remoto emergencial é preferível quando a outra opção é ensino nenhum; aceito que depois da retomada das atividades presenciais terei que trabalhar em déficits que em outra situação jamais me permitiria ter; aceito ,e acredito, que desde o início da graduação dou o meu melhor à academia e é com tristeza que aceito que o meu melhor também decresceu.

Ainda em maio de 2020, nas primeiras aulas remotas de uma disciplina de projeto, em uma sala virtual com cerca de vinte alunos, percebi nos meus colegas, professores e em mim que não havia mais espaço para o eventual, para o inacabado, para a ideia despretensiosa ou a dúvida rápida. Todo assessoramento agora tem aura de apresentação, toda ideia precisa ser digitada, ilustrada, diagramada e defendida com afinco, afinal, não estou mais mostrando um croqui no canto de uma folha amassada para o professor enquanto os colegas trabalham, discutem, sugerem, prestam ou não atenção. Estou expondo em tela cheia e alta resolução toda a minha produção da semana para dezenas de pessoas, enquanto as minhas palavras, previamente ensaiadas, ecoam em um número desnecessariamente grande de lares. Depois de todo esse trabalho é escassa a disposição para alterações. Semanalmente observo a mim e a meus colegas cada vez mais resistentes a mudanças nos projetos, a paixão e apego que antes era comum às maquetes, plantas humanizadas e partido se espalhou até as etapas de zoneamento e diretrizes. Esse fenômeno se desenhou para mim no início de uma recente disciplina de projeto quando, ao pedir que a docente não o interrompesse antes do final da apresentação um colega foi lembrado que não ocorria ali uma apresentação, e sim um assessoramento, que se caracteriza pelo diálogo, argumentação e falas sobrepostas. Outro fenômeno percebido é o mascaramento das reações. De microfones e câmeras fechadas somos todos indecifráveis, o professor fala com uma tela silenciosa, sem saber das conversas em grupos de alunos, críticas e dúvidas que nunca serão levantadas. Ouvi de uma colega de curso após um assessoramento: "ainda bem que a minha câmera estava fechada, senão ela (professora) ia ver a minha cara". Para a docente um assessoramento padrão, para a discente uma tragédia, um fracasso. A sensibilidade, capacidade do professor de perceber em um suspiro ou um olhar o descontento do aluno e, por meio da conversa, elucidar todas as questões implícitas foi drasticamente limitada pela distância física, fator que reflete na qualidade do processo de projeto.

A sala de aula virtual pode ser representada por uma imagem: uma tela escura dividida em várias caixinhas pretas, uma delas com a imagem ao vivo do professor e o restante com um círculo colorido e a inicial do aluno ou, uma bela foto que sorri incansavelmente pelas três horas de aula. Ao abrir a câmera sei que minha imagem aparece na tela de vinte pessoas. Cada vez que abro a câmera permito que vinte pessoas olhem, não só para mim, como também para o interior da minha casa. Valorizo demais o espaço pessoal. Com minha família aprendi a respeitar e criar limites. Nunca fomos os anfitriões que levam as visitas para conhecer todos os cômodos da casa, francamente, poucas foram as vezes em que fomos anfitriões, e, mesmo em família, por mais próximos que sejamos, cada integrante possui um espaço físico muito bem definido, em geral um quarto, extremamente pessoal e raramente compartilhado com terceiros. É no mínimo desconfortável ter como plano de fundo de reuniões, aulas e entrevistas minha cama, meus travesseiros, o quadro pintado por minha mãe. Não me parece natural que meus colegas e professores tenham acesso a algo tão pessoal, não me parece certo que essas paredes escutem dezenas de vozes por dia. Nem todos temos escritórios."

RELATO 2 - ESTUDANTE

"O ateliê de projeto era um lugar de construção coletiva constante, apesar dos trabalhos serem em pequenos grupos ou individuais, o espaço propiciava isso. Dispostos em longas mesas, trabalhando com pinturas, canetas, marcadores, procurávamos soluções e surgiam questionamentos para os entraves das diferentes etapas do projeto sendo realizado. Trocas eram inevitáveis, seja de docente com discente(s) ou entre estes.

Com a pandemia veio a impossibilidade de estar naquele espaço. No decorrer das aulas em no ensino emergencial ficou claro: a virtualidade é muito rígida para uma cadeira tão especial como ateliê. Aulas que seriam conversas dinâmicas e desenhos improvisados perdem sua naturalidade no abrir e fechar o microfone, câmera, no apresenta tela um apresenta outro. Não há ambiente colaborativo. O ateliê na virtualidade nem deveria ser chamado de ateliê, ele é intrínseco ao seu espaço.

2020 e 2021 parecem uma soma de dias iguais frente ao computador. Percebo que não guardei nenhum momento marcante na academia a nível íntimo nesse período. Todas as memórias remetem ao único ano de ensino presencial que pude experimentar. Me encontro esgotada de ideias para continuar criando, sobrecarregada de notificações do Moodle e hiper-estimulada por imagens que antes amava observar, interagir e criar."

RELATO 3 - ESTUDANTE

"Acredito que a maior carência que o ensino remoto trouxe para nós, estudantes de Arquitetura e Urbanismo, foi a vivência dentro do curso. Uma tradição era a permanência no curso para realizar trabalhos e isso proporcionava a troca de experiências e ideias entre alunos de outros semestres e professores que estavam por lá. O senso de comunidade do curso que era algo extremamente presente que podia ser observado no dia a dia, e agora esse convívio é limitado a telas, sem o espaço pra uma fofoca com café na copa.

As paredes do CAU representavam um local da expressão dessa identidade. Os desenhos e escritas mudavam com o tempo, sendo adicionados novos, apagados, censurados ou modificados. O sentimento que sinto vendo a foto é de saudade. Saudade de um espaço para me expressar, das conversas, dos aprendizados e articulações."

RELATO 4 - DOCENTE

"Precisamos falar sobre a solidão dos professores em tempos pandêmicos. Quando elegi ser docente em arquitetura, a motivação central era a rotina de contínua convivência com pessoas e ideias. A pandemia me roubou esse encanto: agora as pessoas são ícones numa tela plana e as ideias sufocadas pela falta de entusiasmo. Moro sozinha em um apartamento de um dormitório, com dois gatos. São poucas as opções de interação humana e exploração de espaço.

Os percursos e as visuais encurtaram, os dias ora passam muito rápido, ora se estendem como se o tempo houvesse parado. Por outro lado, nunca me ouvi tanto. Me ouço em silêncio e falando em frente à tela plana cheia de ícones. Enxergo meus erros e acertos, sou juíza de mim mesma. Mas, sem o outro, não sou nada. Apenas um corpo perdido, resistindo ao inevitável e consciente da tragédia alheia, apesar de impotente. O que terão aprendido meus alunos nesse tempo? Será que me ouviram? Muitas vezes eu não ouço os outros, por que eles me ouviriam? É tão burocrática a vida, o ensino e o aprendizado, que somos todos responsáveis pela nossa ignorância. E eu também sou responsável pela minha solidão. Ou não?"

RELATO 5 - DOCENTE

"Tenho tido muita dificuldade para me fazer entender. Antes eu podia sentar ao lado do estudante, ajudá-lo a desenhar, olhar para ele, perceber suas expressões corporais e reações para buscar auxiliá-lo de algum modo. Agora, mesmo com a câmera do computador aberta, tenho dificuldades para constatar se ele está entendendo ou não o que falo."

"Na disciplina de projeto, o feitio das aulas expositivas e das solicitações de atividades têm demandado mais tempo. Minha percepção é que não há mais espaço para o inacabamento, a imprevisão e a construção coletiva do próprio problema de projeto. Preciso enviar, via internet, um roteiro mais definido, de tal maneira que o aluno consiga se virar com seus próprios meios. Nas disciplinas de projeto voltadas para as turmas do primeiro ano do curso essa demanda é ainda mais intensa".

RELATO 06 - DOCENTE

"Meu entendimento é que, para os semestres mais avançados, pode ser possível o ensino remoto, enquanto uma estratégia de ensino emergencial.

De qualquer forma, os objetivos da disciplina devem ficar plenamente esclarecidos e os exercícios devem ser propostos gradualmente, sendo acompanhados a cada semana pelo professor.

Entretanto, para os semestres iniciais, eu penso que, mesmo com toda clareza possível na proposição dos exercícios e mediante o acompanhamento semanal, fica carecendo ainda a experiência, a autonomia, o compartilhamento no "fazer projetual", que o acadêmico só adquire com a repetição e com o conhecimento cumulativo que decorre do avanço dos semestres letivos. Há uma perda significativa neste sentido, que deverá ser recuperada".

Fonte: Acervo dos autores.

4 REFLEXÕES SOBRE AS AULAS REMOTAS NO ÂMBITO DOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

A compilação e leitura dos relatos recebidos revelou algumas palavras e expressões e, consequentemente, temáticas que parecem ser compartilhadas nas experiências individuais. Como meio de destacar e sintetizar tais temáticas, elaborou-se uma nuvem de palavras como meio de suporte e direcionamento para as posteriores interpretações e reflexões acerca dessas vivências. A nuvem de palavras permitiu vislumbrar a ênfase direcionada a alguns temas e sentimentos que pareceram recorrentes nos relatos.

Figura 2: Nuvem de palavras, 2021.



Fonte: Acervo dos autores.

A condição de estar em frente a uma tela durante o período das atividades acadêmicas demonstrou-se como a de maior recorrência. Isso ressalta a falta de convívio no ambiente acadêmico, assim como o sentimento de solidão e isolamento, os quais também parecem se manifestar pela palavra “espaço”, que remete à falta do ambiente físico e coletivo da sala de aula. As palavras convivência, diálogo e comunidade corroboram o entendimento da falta dessas dimensões. O verbo “ouvir” e o substantivo “voz” surgem como demonstração de que esses sentidos - a fala e a escuta - eram superestimulados. Em contrapartida, a falta de expressões corporais, percebidas quando se ocupa um mesmo espaço físico, dificultou a compreensão do outro, bem como suas ânsias e necessidades. Assim, a troca entre os sujeitos aparenta ter sido prejudicada e, consequentemente, mencionada nos relatos. Por fim, a naturalidade da fala perde-se no momento da privação do convívio e na necessidade de planejar o que será dito para que o outro compreenda, independente da distância física. Tais tópicos serão pauta nas interpretações realizadas neste artigo a partir de referências teóricas, que seguem nos itens subsequentes: 4.1 “Construções de diálogos, poemas e narrativas no ensino de projeto” e 4.2 “Tradição e presença (o habitar) nos cursos de Arquitetura e Urbanismo”.

A imersão digital, dada pelas relações e encontros on-line e diante de telas, por certo trouxe muitas aprendizagens, todavia, o movimento das salas de aula virtuais levou a uma experiência de cansaço devido, principalmente, à sobreposição das atividades profissionais e pessoais, que aconteciam em um mesmo ambiente. Pode-se perceber o sentimento de exaustão como um assunto corriqueiro nas conversas informais ao longo dos encontros on-line. O incômodo da mistura do âmbito profissional com o pessoal é sensivelmente relatado pelo estudante de Arquitetura e Urbanismo no Relato 1, quando escreve: “[...] é no mínimo desconfortável ter como plano de fundo de reuniões, aulas e entrevistas minha cama, meus travesseiros, o quadro pintado por minha mãe [...]”.

Tal desconforto parece, de certa forma, generalizado, e fez parte do cotidiano dos acadêmicos em diferentes tipos e níveis de formação. No entanto, ao examinar o ensino remoto no âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, o que se pode perceber e debater? Como aconteceu o processo de ensino na prática de projeto?

Com tais questões como balizadoras, tendo como referência os relatos apresentados, destacam-se entre as temáticas explicitadas duas dimensões que parecem muito substanciais no processo formativo do arquiteto e urbanista: o diálogo que ocorre entre o professor e estudante sobre a prática de projeto nas disciplinas de

ateliê; e o habitar, a vivência no ambiente dos cursos de Arquitetura e Urbanismo como um lugar, um território promotor de trocas e aprendizagens.

4.1 CONSTRUÇÃO COLETIVA DE DIÁLOGOS E POEMAS NO ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

Os relatos dos docentes e discentes indicam que os processos de comunicação nas disciplinas de projeto, sejam elas voltadas à arquitetura, ao urbanismo ou ao paisagismo, foram muito afetados e prejudicados com as aulas no sistema de ensino remoto emergencial.

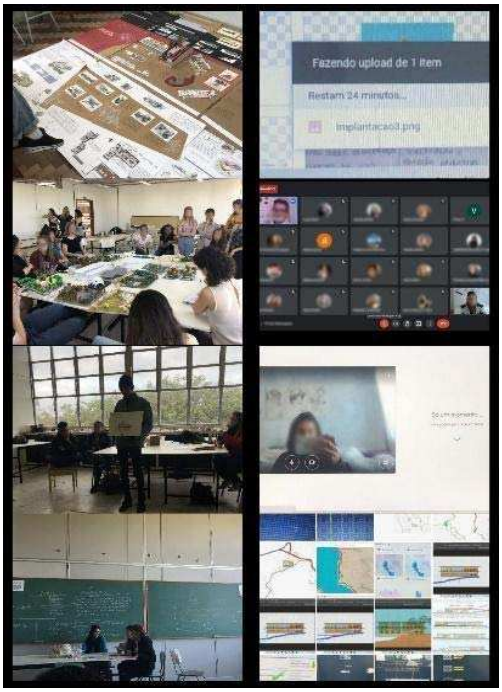
Para os docentes, de modo geral, a classe era uma tela plana cheia de ícones, como menciona o docente no Relato 4, quando enfatiza que a dúvida é uma constante no silêncio entre sua fala e o retorno de sua voz. Na solidão cotidiana, diz sentir-se privado da convivência com outras pessoas e que não sabe se durante as aulas os alunos o ouviram ou não.

> Enxergo meus erros e acertos, sou juiz de mim mesmo. Mas, sem o outro, não sou nada. Apenas um corpo perdido, resistindo ao inevitável e consciente da tragédia alheia, apesar de impotente. O que terão aprendido meus alunos nesse tempo? Será que me ouviram? Muitas vezes eu não ouço os outros, por que eles me ouviriam?

Essa mesma dúvida aparece no Relato 5, quando o docente escreve que tem tido dificuldades para constatar se os estudantes compreenderam ou não suas palavras. O texto revela que no ensino presencial essa comunicação se dava também através da percepção das reações corporais do estudante, da observação de movimentos simples como o desenhar, ou de sentimentos, como a inquietação e a ansiedade.

O Relato 1 reforça o que os docentes pontuam no Relato 4 e 5, principalmente quando o estudante escreve que, na aula presencial, o professor podia perceber o sentimento de um aluno por meio de gestos, como um suspiro ou um olhar, e tal capacidade de apreensão das necessidades do estudante foi significativamente prejudicada com as aulas remotas. Com isso, o relato enfatiza uma passividade maior nas aulas on-line e que, muitas vezes, esconder-se por de trás da câmera era cômodo para os discentes. À discussão, acrescenta que a distância física também prejudica o processo de desenvolvimento dos projetos, principalmente porque interfere diretamente na qualidade da interação entre docente e estudante.

Figura 3: Colunas evidenciam diferenças na orientação no ensino de projeto presencial e no ensino emergencial, 2021.



Fonte: Acervo dos autores.

Para compreender as dificuldades relatadas pelos acadêmicos é importante refletir sobre algumas singularidades do ensino/aprendizagem de projeto, entre elas a estratégia didática utilizada nos cursos de

Arquitetura e Urbanismo: a orientação, ou assessoramento de projeto arquitetônico, urbanístico e/ou paisagístico.

Nas grades curriculares dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, as disciplinas de projeto destacam-se pela recorrência e por serem consideradas componentes curriculares integradores. As ações criadoras e transformadoras (poéticas) que ocorrem nos ambientes dos ateliês não estão somente ligadas às espacializações – de edifícios, de espaços urbanos, de paisagens —, idealizadas e concebidas no papel e/ou nos computadores, mas também aos processos formativos dos sujeitos envolvidos. É um lugar no qual o estudante aprende a ser arquiteto e urbanista e o arquiteto e urbanista aprende a ser professor (Alberton, 2021).

Assim, a poética que emana dessa sala de aula singular, chamada ateliê — com pranchetas, múltiplos docentes, discussões em grupos – para alguns arquitetos-professores relaciona-se com a comunicação, com a capacidade que o profissional docente tem de instituir espaços de diálogo e de troca sobre os processos e problemas de projeto. Nessa perspectiva, o professor, para além dos saberes e fazeres específicos da prática de projeto e da profissão, é também um criador de condições voltado ao desenvolvimento humano, à evolução da capacidade do estudante de governar-se (autonomia) pelas suas próprias interpretações, sentidos e ações (Alberton, 2021).

Tais espaços de comunicação, no caso desses componentes curriculares, estabelecem-se, sobretudo, nos momentos de orientações, os quais podem ocorrer de modo individualizado ou coletivo. Sobre essa situação de interação entre sujeitos voltados a um projeto, Alfred Linares I Soler (2006) escreve que o arquiteto-professor atua, durante a orientação do(s) aluno(s), como um poeta, aquele que concebe um poema singular, uma obra que, quando bem-sucedida, consegue potencializar o processo de aprendizagem do estudante.

O autor ressalta que um bom professor de projeto é aquele capaz de garantir, com sua orientação (poema) um equilíbrio para o processo de concepção tensionado a cada momento em que o aluno é convidado a revisar o sistema após uma nova informação ou orientação. O processo educativo, assim, não está pautado na qualidade da proposta projetual desenvolvida pelo estudante, como acreditam muitos docentes da área, mas na capacidade do arquiteto-professor de tecer sua poesia, estabelecer meios, modos de comunicação, considerando a complexidade do projeto na totalidade e as necessidades de cada estudante.

Acerca da construção de poemas durante os assessoramentos de projeto, com base nos relatos apresentados, é possível compreender que o estudante, durante as orientações, colabora para a construção da narrativa docente (poema) de modo direto e intenso porque, enfim, a própria natureza do ensino e do processo de projeto é coletiva, pois não há docência sem discentes e projeto que envolva uma pessoa só.

Há, portanto, uma série de fenômenos que surgem do/pelo encontro de sujeitos no ateliê que influenciarão o poema docente e que alteram e movimentam a percepção dos sujeitos envolvidos. Nessa perspectiva, a lógica do instante impulsiona e mobiliza a construção do poema, sendo o assessoramento, a orientação de projeto, um acontecimento que pode alterar o processo de concepção de projetos e de aprendizagem do estudante.

Todavia, essa construção coletiva do poema que se dá in loco, através do encontro dos acadêmicos debruçados sobre um projeto, no contexto do ensino remoto emergencial, não ocorreu da mesma maneira.

O assessoramento, como expõe o estudante no Relato 1, tinha, na sala de aula virtual, uma aura de apresentação finalizada, “toda ideia precisa ser digitada, ilustrada, diagramada” para ser defendida com afinco porque, afinal, “não estou mais mostrando um croqui no canto de uma folha amassada para o professor enquanto os colegas trabalham, discutem, sugerem, prestam ou não atenção”, “estou expondo em tela cheia e alta resolução”.

Nesse relato é possível perceber como o processo de desenvolvimento do projeto em sala de aula foi afetado. Uma parte do tempo do estudante era dedicada a encontrar formas de expressar suas ideias e fazer-se entender através da tela plana, o que exigia esforço para que uma certa didática fosse aplicada no seu processo de maneira que se fizesse compreender independentemente da distância e das limitações espaciais. O que antes era um ritual de fim de semestre, a preparação de gráficos, pranchas e slides para a defesa do projeto desenvolvido tornou-se parte da rotina dos assessoramentos diários.

O contexto descrito vai ao encontro do que descreve a docente no Relato 5, quando coloca que era necessário enviar para os estudantes “um roteiro mais definido, de tal maneira que o aluno consiga se virar com seus próprios meios”. Tal relato ainda realça que, no ensino de projeto a distância, frente ao aumento das demandas relacionadas ao feitio de aulas, gravações, roteiros, “não há mais espaço para o inacabamento, a imprevisão e a construção coletiva do próprio problema de projeto”.

No Relato 6, o docente amplia tal discussão quando escreve que, para os semestres iniciais, esse problema causado pela falta de compartilhamento do fazer projetual era ainda mais acentuado, pois careciam as experiências que o estudante só adquire com o conhecimento cumulativo que decorre do avanço pelos semestres letivos do curso.

Considerando esses apontamentos, podemos compreender que o poema construído pelo arquiteto-professor (Linares I Soler, 2006), como uma narrativa, no contexto das aulas presenciais, diz respeito a um universo que está sendo construído e expresso simultaneamente em rabiscos, croquis, esquemas e falas, enfim, está em processo de construção. O contexto, com as aulas mediadas pelo computador e pela conexão remota, exigiu do professor que realizasse poemas, textos mais estruturados, já configurados para que fosse compreendido para além das presentes barreiras físicas.

No que se trata de narrativa, faz-se um diálogo com a obra Tempo e Narrativa de Paul Ricoeur (2010), na qual o filósofo faz uma análise das etapas que a compõem, as quais denomina Mímesis. Assim, a narrativa dá-se em três etapas: prefiguração, configuração e refiguração.

Na prefiguração (Mímesis I), o relato é praticado bem antes de adotar uma forma literária, ou seja, é o ato espontâneo de narrar no tempo do agora, em uma tomada de consciência mais imediata, em uma coexistência que começa pelos relatos de vida que trocamos entre nós, sem passar, necessariamente, por qualquer tipo de formatação e adaptação.

Na etapa da configuração (Mímesis II), o ato de narrar, segundo Ricoeur, se libera do contexto da vida cotidiana e penetra no campo da literatura. Aqui, os acontecimentos e os relatos são reunidos em uma trama. A configuração confere inteligibilidade às narrativas, que, em sua essência, são confusas por serem imediatas e espontâneas. Por fim, a etapa de refiguração (Mímesis III) diz respeito à leitura da narrativa. Aqui, o texto exibe para o leitor suas capacidades de revelar e transformar. É uma dialética com dois lados onde o leitor também chega ao texto com próprias expectativas, confrontadas com as proposições de sentido do texto.

Com isso, é possível compreender que o poema (Linares I Soler, 2006), a narrativa concebida na orientação de projeto pelo professor, no contexto das aulas presenciais que ocorrem nos ateliês, representa a ação, perfaz o campo prático, diz respeito à prefiguração (Mímesis I), àquilo que ainda necessita de um período para ser observado e tensionado antes de ser objetivado e expressado.

Assim, postas as definições de Ricoeur acerca do ato de narrar, pode-se perceber através dos relatos dos docentes e estudantes que a etapa de prefiguração perdeu seu espaço no ensino de caráter emergencial. A espontaneidade e a tomada de consciência foram consideravelmente substituídas pelo planejamento e formatação das ideias para serem colocadas em moldes capazes de serem compreendidos independentemente do tempo e espaço em que se encontra o interlocutor, por não se encontrarem próximos fisicamente, quando todos os sentidos colaboram para a expressão e o entendimento.

O croqui no canto do papel amassado, mencionado no Relato 1, que o estudante mostra durante o assessoramento para o professor no sistema presencial, movimenta a discussão sobre o projeto que pode apontar para múltiplos caminhos cujas direções dependem, substancialmente, do desencadear das falas dos sujeitos envolvidos que pensam juntos, buscando soluções formais, funcionais e construtivas para as demandas (sociais, culturais e físicas) de cada projeto.

O contexto, com as aulas mediadas on-line, exigiu que o poema formulado pelo professor fosse mais estruturado, com um maior planejamento. Vai além do que o Ricoeur (2010) considera como Mímesis I, uma vez que há uma preocupação maior com a configuração textual, com um registro organizado de modo que o leitor (estudante), à distância, pudesse compreender o que foi observado e pensado pelo professor, adentrando a etapa da configuração (Mímesis II).

O acabamento necessário para viabilizar e estabelecer o diálogo à distância sobre o projeto corrobora uma passividade maior do estudante no processo de construção de conhecimentos, podendo prejudicar e atrasar o desenvolvimento da autonomia do futuro arquiteto e urbanista. O estudante no Relato 01 expõe o sentimento de passividade: “[...] a vontade de declarar uma guerra pessoal e não me matricular em nenhuma disciplina que, cedo ou tarde, me deixarão com a sensação de que assisti passivamente a aulas, produzi um par de slides e fui aprovado fingindo que aprendi”.

Considerando tal contexto, não se faz necessário enfatizar que os fenômenos que ocorrem a partir do encontro dos acadêmicos nos ateliês, não são os mesmos das salas virtuais. Da complexidade envolvida emana outra poética, outros poemas cuja beleza parece repousar no movimento, na imprevisibilidade do caminho construído pelas tensões provocadas pelo encontro com o outro (alteridade), com diferentes sentidos e ideias.

4.2 PROCESSO FORMATIVO E PRESENÇA (O HABITAR) NOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

Os relatos dos acadêmicos movimentaram outras temáticas além do diálogo entre discente e docente que se estabelece nas orientações de projeto, problematizado no item anterior. Entre elas, destacam-se as que dizem respeito ao território, compreendido como espaço geográfico (físico e mensurável) e político (universo de pensamentos e ideias) dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

Por exemplo, no Relato 3, o estudante expõe que muito da tradição, dos costumes cotidianos do ambiente do curso foi perdido com o ensino remoto. O que tinha certo valor para os alunos mais antigos, como o café coletivo e a apropriação dos corredores, não possui o mesmo significado para os estudantes que ingressaram na graduação durante a pandemia. Tal apontamento revela que o permanecer nos espaços físicos, no horário extra aulas, é um costume que propicia a troca de ideias, experiências e conhecimentos entre acadêmicos, sejam eles estudantes, professores ou técnicos de educação.

Esses costumes, específicos do universo acadêmico, também são explicitados pelo docente no Relato 4, que afirma que, com o sistema de aulas remotas, sentia-se só e distante do motivo que o levou a buscar a docência como profissão: o encontro com diferentes pessoas e ideias.

Frente a tais fenômenos, é possível compreender que o processo formativo dos graduandos extrapola o ambiente específico das disciplinas, das salas de aula, e ocorre também nos corredores porque sua natureza é social, diz respeito a atividades que subentendem um conjunto de pessoas interagindo com necessidades e interesses comuns (ISAIAS, 2006). Nesse caso, um conjunto de saberes e fazeres relacionados à Arquitetura, ao Urbanismo e ao Paisagismo.

O filósofo e pedagogo francês Gilles Ferry (1997) colabora para as discussões sobre o desenvolvimento pessoal e profissional do sujeito quando escreve que formação é algo que tem relação com a forma, com adquirir e aperfeiçoar certa forma para atuar. Segundo o autor, cada indivíduo esculpe sua forma e o faz sozinho, com seus próprios meios, amparado por mediações que possibilitam e orientam o seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, compreende-se que, toda estrutura de um curso de Arquitetura e Urbanismo, seja ela física ou humana, atua nesse trabalho de mediação, amparando o desenvolvimento profissional e pessoal dos indivíduos que por ali circulam. Contudo, Ferry (1997) condiciona o processo formativo a três conjunturas indispensáveis: de tempo, de espaço e de relação com a realidade. Assim, uma experiência só é formadora se, em determinado espaço e tempo, o sujeito puder realizar um trabalho reflexivo sobre si mesmo (rever, vislumbrar outras possibilidades, planejar).

Não será necessário enfatizar de antemão a importância do ensino remoto no contexto da Pandemia de Covid-19. No entretanto, ao problematizar tal conjuntura, pode-se afirmar que os processos formativos nas graduações, em geral, não ocorreram do mesmo modo que ocorriam com o ensino presencial. No âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, balizados pelos relatos recebidos e pelas vivências cotidianas, compreende-se que, embora cada disciplina tivesse um horário específico para acontecer on-line, o tempo de intervalo entre uma aula e outra fez falta. Trata-se de um tempo para o vir a ser dos corredores, para o que advém da vivência do ambiente e do encontro com o outro, que influencia também no desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos.

Quanto à condição do espaço (do ambiente de ensino), essa foi ainda mais afetada devido ao fato de a comunidade acadêmica não estar presente nos ambientes físicos dos cursos. Estudantes e professores, no contexto das aulas remotas, trocavam informações a partir de suas casas, mediados por telas, ícones que impossibilitam o contato físico com o outro. A interação limitada entre sujeitos afetou, em qualidade e número, a troca de ideias e a construção coletiva – de conhecimentos, de sentidos, de projetos etc. –, restrição essa que pode ser percebida no Relato 3, quando o estudante descreve o ambiente que vivenciava no curso de Arquitetura e Urbanismo:

> As paredes do CAU representavam um local da expressão dessa identidade. Os desenhos e escritas mudavam com o tempo, sendo adicionados novos, apagados, censurados ou modificados. O sentimento que sinto vendo a foto é de saudade. Saudade de um espaço para me expressar, das conversas, dos aprendizados e articulações.

O estudante escreve sobre saudades, sobre habitar um curso de Arquitetura e Urbanismo cuja estrutura física era também palco para expressões e intervenções diárias realizadas pelos estudantes. O relato também evidencia a natureza poética (Bachelard, 2008) dos ambientes da graduação, que atuam também como mediadores dos processos formativos, potencializando, no cotidiano, ações transformadoras e criadoras capazes de ressoar e repercutir tanto na esfera pessoal como na profissional dos acadêmicos.

O ambiente físico também corrobora a capacidade reflexiva dos sujeitos de estabelecer um diálogo com a realidade, substancial para o processo formativo (Ferry, 1997). No contexto das aulas remotas, esse pensar sobre a realidade ocorreu também de outra maneira, sobretudo porque os estímulos advindos do espaço em que se encontrava o graduando, na hora das aulas, eram outros — geralmente, sua própria casa.

Ações corriqueiras, como pedir uma dica para um colega, observar como o outro organizava seus materiais ou desenhar um croqui rápido para explicar uma ideia em elaboração, foram substituídas por cenários com guarda-roupas e estantes, bem arrumadas ou não, e por interrupções ora provocadas pelo sinal de internet que insiste em oscilar, ora pelo latido de um cão ou pela fala de um pai, uma mãe ou um irmão.

No que tange o ambiente específico do ensino de projeto, essa perda de qualidade do processo formativo também é mencionada nos relatos. Por exemplo, o estudante, no Relato 2, enfatiza que o ateliê é um lugar de construção coletiva constante, cujo espaço propicia a troca de experiências até mesmo quando o trabalho (projeto) está sendo desenvolvido individualmente. Ressalta que, na virtualidade, as disciplinas projetuais não deveriam ser chamadas de ateliês porque a presença é intrínseca a esses espaços.

Figura 4: Colagem de fotos sobre a presença nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, 2021.



Fonte: Acervo dos autores.

Diante do exposto, cabe ressaltar que a prática de projeto também é mais rica no ensino presencial, pois conta com a interferência de fatores que provêm da própria dinâmica dos ateliês. Esse ambiente didático, singular devido às grandes mesas de desenho, acolhe a reunião de pessoas e a discussão coletiva, substanciais para lidar com demandas e soluções relacionados ao fazer da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo.

Esses problemas relativos ao processo formativo, tensionados pela falta da presença física nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, são ainda mais intensos para os estudantes que iniciaram a graduação nos anos de 2020 e 2021. Essa realidade é explicitada no Relato 6, quando o docente expõe que para os semestres iniciais, mesmo com exercícios bem detalhados e um bom acompanhamento do aluno por parte do docente, carece a experiência, a autonomia e o compartilhamento do fazeres relacionados ao projeto.

À medida que o graduando avança nos semestres letivos, há um aumento de percepção e sensibilidade acerca da arquitetura, da cidade e da paisagem, substancial para a compreensão das complexidades que envolvem a prática de projeto. Esse incremento de saberes e fazeres que ocorre ao longo da graduação, tão necessário à concepção e à construção de espacializações de qualidade, opera, diretamente, a dimensão coletiva e a presencial.

Considerando essa condição e, sobretudo, o caso específico dos estudantes que ingressaram na graduação em meio à Pandemia de Covid-19, para analisar os impactos que o ensino remoto provocou nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, é importante tecer uma reflexão sobre tradição, palavra utilizada pelo estudante no Relato 3 ao dizer que muito dos costumes, do que era rotina, foi perdido com as aulas remotas.

A tradição, para Hans-Georg Gadamer (2015), é o contexto em que se está inserido, através do qual se interpreta o mundo que chega. Para o filósofo, a imersão na tradição faz com que se valide os costumes livremente no cotidiano através da razão, reconhecendo sentidos, ideias e até mesmo pessoas que estão acima em visão e juízo. É um entendimento de autoridade anônima, validado pelo viés do conhecimento, que não tem a ver com dar ordens ou subordinação.

No burburinho e nas conversas dos corredores, o estudante de Arquitetura e Urbanismo, gradualmente, aprende a reconhecer bons projetos de arquitetura, urbanismo ou paisagismo. Identificar, analisar e interpretar espacializações, já construídas ou em projeto, são ações rotineiras nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, que podem ser compreendidas como costumes. Por exemplo, há um consenso na área dos cursos de Arquitetura e Urbanismo de que um ícone, aquilo que julgamos ser uma referência a ser seguida (edifício, pessoa, etc.) sempre tem muito o que ensinar.

Frente a tal contexto, no momento em que o estudante inicia o curso de Arquitetura e Urbanismo, já existe um fluxo constante de informações — costumes, ideias, conhecimentos, sentidos, modos de ser e fazer — que conformam a instituição na totalidade e que não há graduação e nem graduandos que não sejam atingidos por esse fluxo (tradição). Fora desse universo, não existe reflexão e interpretação que possam ser feitas, porque nossa compreensão de vida ocorre na vigência da tradição e de uma dimensão histórica que age (Alberton, 2021).

Todavia, Gadamer (2015) enfatiza que a tradição precisa ser afirmada, assumida e cultivada, pois ela atua constantemente nas mudanças históricas e não se estabelece pela inércia. Considerando essa condição, é importante formular algumas questões de modo a problematizar e aprofundar as reflexões que podem ser produzidas sobre o ensino on-line, a exemplo das que seguem:

> – Como a tradição nos cursos de Arquitetura e Urbanismo foi afirmada e cultivada na dinâmica do ensino remoto emergencial?
>
> – Quais as reverberações na tradição dos cursos de Arquitetura e Urbanismo que os anos de 2020 e 2021 provocaram?
>
> – Quanto aos processos formativos, o que os estudantes dos semestres avançados e dos anos iniciais dos cursos de Arquitetura e Urbanismo perderam e ganharam com as aulas remotas?

Não há respostas fechadas para todas essas perguntas, todavia, as suas formulações são fundamentais para que se pense como os cursos de Arquitetura e Urbanismo e, por conseguinte, o ensino de projeto vem sendo instituído ao longo da história e o que a presença física, o habitar, os ambientes das instituições de educação representam dentro desta constituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além da solidão e do cansaço que se destacaram nos relatos dos acadêmicos, através das interpretações realizadas, foi possível destacar questões que dizem respeito, especificamente, aos cursos de Arquitetura e Urbanismo e suas peculiaridades acadêmicas.

No que se refere à orientação de projeto e ao fazer projetual nas disciplinas de ateliê, torna-se evidente a importância da comunicação e das trocas entre professor e estudante e entre os próprios estudantes. A sala de aula do ensino remoto emergencial, mediada por uma tela, destituiu o ensino de sua dimensão poética, de

criações e transformações que se concentram nos espaços de comunicação – o ambiente da sala de aula presencial. Essa poética foi afetada pela fala e o eco, o silêncio, a dúvida sobre ter sido ouvido e compreendido pelos outros, vivenciando os mesmos ambientes e experiências, mas distantes, em suas casas, em seus ambientes pessoais não compartilhados.

O poema da orientação é construído conjuntamente pelos acadêmicos nas salas de aula, por meio de um diálogo que se estabelece entre professores e alunos, em um universo particular das disciplinas projetuais que envolvem croquis, falas, rabiscos, enfim, elementos que dizem respeito à lógica do instante. O inacabamento, nesta perspectiva, mostra-se fundamental para o ensino de projeto e influencia diretamente no desenvolvimento da autonomia dos estudantes, futuros profissionais arquitetos e urbanistas. As aulas remotas desmancharam essa aura do inacabado quando exigiam uma preparação da fala e das ideias para que fossem compreendidas por aqueles que não estavam no mesmo ambiente físico O estudante e o professor não podiam recorrer a todos os seus sentidos para perceber e compreender. Uma aura de apresentação final era atribuída a tudo aquilo que seria um fragmento de um processo que estava em desenvolvimento, um projeto que iria vir a ser.

É possível compreender que sim, a construção coletiva ainda ocorreu na sala de aula remota, mas de outras formas e com diferentes nuances de comunicação e compreensão. Através dos relatos de docentes e discentes, percebe-se que essa modalidade de ensino corrobora uma passividade por parte do estudante, não porque esse assim deseja, mas devido às condições impostas por esse formato — a necessidade de falas e materiais mais bem-acabados, detalhados para que se compreendam, e o déficit de interação e construção coletiva.

Diante de tudo isso, é possível afirmar que o processo formativo dos estudantes, dos futuros arquitetos e urbanistas, foi muito afetado pelas aulas à distância. As características e as condições da formação são outras: de tempo, de espaço e reflexão sobre o presente, a realidade. O ambiente físico é um mediador fundamental nos processos de formação, pois dele partem estímulos que enriquecem as experiências dos sujeitos nele imersos. E, ainda, não apenas o espaço onde as aulas em si acontecem, mas o espaço em que convivem no tempo entre cada aula, onde vivenciam a tradição do curso, mostra-se como uma falta, um déficit. Enfim, o local onde os estudantes estão durante todo o seu processo formativo influencia diretamente no dar-se forma pelo sujeito.

Assim, no que diz respeito à tradição, o que foi perdido, deixado de aprender e conferir totalidade ao processo formativo com o ensino remoto emergencial? E, por outro lado, o que foi validado e inserido à tradição com o ensino remoto?

Se é verdade que, na academia, todos foram desafiados a testar novas formas de ensino, a aprender a utilizar recursos tecnológicos que até então não faziam parte das salas de aula, a usar outras poéticas na transmissão de conhecimento em tempos de ensino remoto emergencial, a comunidade nos cursos de Arquitetura e Urbanismo também está mais preparada para debater sobre a modalidade de ensino a distância, pauta que já era recorrente no âmbito acadêmico antes da Pandemia de Covid-19.

Através dos relatos aqui expostos, produzidos tanto por estudantes como por professores, e das reflexões realizadas ao longo deste trabalho é possível afirmar que a presença física do outro e a experiência sensível nos ambientes dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo importam não só para os processos de desenvolvimento pessoal e profissional dos sujeitos envolvidos, mas para a qualidade da própria arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, desenvolvidos a partir desse lugar.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para as futuras reflexões acerca do período de crise provocada pela Pandemia de Covid-19 e suas reverberações no universo acadêmico, através da escuta do que foi vivenciado e as consequentes reflexões fenomenológicas. Pode-se perceber que, sim, houve pontos positivos na implantação da nova modalidade de ensino adotada, tal como a dinamicidade da troca de informações, a qualquer tempo e distância. Seriam tais pontos possíveis de uma implantação definitiva nos processos de ensino? Entre as perdas, destaca-se a ausência de convívio social, que foi prejudicado e, consequentemente, afetou a formação de novos profissionais. Como seria possível atenuar tais deficiências decorrentes desse período? Haverá repercussões na atuação profissional desses arquitetos e urbanistas devido a sua formação diferenciada da tradicional? São questionamentos que permanecerão por um longo tempo e suscitarão reflexões sobre a condição do âmbito acadêmico em um período de crise.

De toda forma, ainda que com grandes deficiências, o ensino remoto emergencial foi essencial para a continuidade do processo educativo durante um período tão atípico atravessado. Demonstrou-se como um símbolo da resistência da educação perante às intempéries, que encontrou suas formas de prosseguir apesar de todas as distâncias.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Josicler Orbem. O Lugar da Poética na Docência de Projeto nos Curso de Arquitetura e Urbanismo: Imaginário Social e Educação. Tese. (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação.** Futura, 2001.

FERRY, Gilles. **Pedagogia de la formación: Formação de formadores**. Buenos Aires: Novedades Educativas, 1997.

GADAMER, Hans- Georg. **Verdade e Método**. 15ª Edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. **Processo Formativo Docente.** In: MOROSINI, Marilia Costa (Org.). Enciclopédia de Pedagogia Universitária. Glossário. Vo.2. Brasília: INEP/MEC, 2006. p.351 e 352.

LINARES I SOLER, Alfred. **La Enseñanza de la arquitectura como poética.** Barcelona: Ediciones Upc, 2006.

POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. London: Routledge & Kegan Paul, 1967.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa 1: A intriga e a narrativa histórica.** São Paulo: Editora WMF Martin Fontes, 2010.

VILELA, Rosana Brandão; RIBEIRO, Adenize; BATISTA, Nildo Alves. **Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: Uma aplicação aos desafios do mestrado profissional em ensino na saúde.** Millenium, No. 11 (2020): Série 2, n.º 11, 2020.

NOTAS

[1]As disciplinas de projeto nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, sejam elas voltadas para a Arquitetura, para o Urbanismo ou para o Paisagismo, são identificadas pelas orientações ou assessoramentos, momentos em que o professor conversa com o estudante sobre o projeto que está sendo desenvolvido. É importante ressaltar que tal componente curricular pode ser ministrado por mais do que um professor e que as atividades propostas para os alunos ocorrem de modo individual ou em grupo.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.